

IRA

Robert Jones escreveu em seu livro *Ira*, arrancando o mal pela raiz: “A ira é um problema universal em todas as culturas e vivenciado por todas as gerações. Ninguém está livre de sua presença e nem imune ao seu veneno. Ela impregna cada pessoa e azeda nossos relacionamentos mais íntimos. A ira é um aspecto garantido de nossa natureza caída.” E acrescenta: “Infelizmente isso é verdade até mesmo nos lares cristãos e nas igrejas.”

À observação de Jones sobre lares cristãos e igrejas, eu acrescentaria que nossa ira é quase sempre dirigida às pessoas que mais amamos: cônjuge, filhos, pais, irmãos da nossa família biológica, e nossos verdadeiros irmãos em Cristo — a família da igreja.

Havia um senhor cristão que era um símbolo de delicadeza com terceiros, mas despejava sua ira na esposa e nos filhos. Finalmente, depois de muitos anos tendo esse tipo de comportamento, Deus o fez reconhecer sua culpa e o ajudou a lidar com a ira.

O que é ira? Muitos responderiam: “Não sei definir, mas a reconheço quando vejo, especialmente se for dirigida a mim.” Segundo os dicionários, ira nada mais é que um profundo sentimento de rancor e, normalmente, de antagonismo. Eu diria também que a ira, muitas vezes, vem acompanhada de emoções pecaminosas e de palavras e atitudes que magoam àqueles que são objetos de seu furor.

Ira é um assunto gigantesco e complexo, e está acima do objetivo deste livro analisá-la de forma abrangente. Para prosseguir no objetivo de confrontar os pecados que toleramos em nossa vida, irei concentrar-me num aspecto da ira com o qual, sem nem perceber, convivemos como um pecado “aceitável”.

Para tanto, quero logo de cara analisar a ira legítima.

Muitas pessoas desculpam a ira que sentem dizendo que ela é justificada. Achar que têm o direito de ficar com ira em algumas situações. Mas como saber se a minha ira é justificada? Primeiro, a ira legítima é fruto da percepção correta do mal verdadeiro — ou seja, da infração à lei moral de Deus. Ela é centrada em Deus e em Sua vontade, e não em mim e em minha vontade. Segundo, a ira legítima é sempre regida pelo autocontrole. Nunca nos faz perder a cabeça ou retaliar de modo vingativo?

Apesar de a Bíblia apresentar alguns exemplos de ira justificada, como a de Jesus na limpeza do templo, eles são poucos. O foco principal do ensino bíblico sobre o assunto tem a ver com a ira pecaminosa, nossas reações malvadas às ações ou às palavras dos outros. O fato de reagirmos ao pecado real de outra pessoa não torna a nossa ira necessariamente correta. É provável que estejamos mais preocupados com o impacto negativo das atitudes erradas sobre nós do que com a profanação da lei de Deus.

Talvez usemos a violação da lei de Deus como justificativa para respondermos com ira

perversa.

Outro aspecto da ira que está fora do objetivo deste estudo é o da pessoa que vive enfurecida, ou da pessoa cuja ira faz com que ela aja com violência, seja verbal ou física. Pessoas assim precisam de aconselhamento bíblico adequado. Neste tópico, quero me concentrar no que iremos chamar de ira comum, aquele tipo que aceitamos como parte da vida, mas que, na verdade, é pecado aos olhos de Deus.

Ao reconhecer nossa ira, temos de admitir que ninguém nos faz ficar com ira. As palavras ou atitudes de alguém talvez desencadeiem a ira, porém o motivo está lá dentro de nós — geralmente nosso orgulho, egoísmo ou desejo de supremacia.

Exemplo: Concordei em ajudar um amigo, mas acabei me esquecendo de realizar a tarefa. Quando soube que não fiz o prometido, ele ficou muito zangado comigo.

Por quê? Porque meu esquecimento o deixou mal perante alguns de seus amigos.

Isso não é desculpa para o meu esquecimento, e bem é verdade que o deixei numa tremenda “saia justa”. Todavia, isso não muda o fato de que o motivo de sua ira não foi meu esquecimento, mas o seu orgulho.

Ficamos com ira quando alguém nos maltrata de algum modo. A pessoa fofoca a nosso respeito, e ao tomarmos conhecimento disso ficamos bravos. Por quê? Provavelmente porque nossa reputação ou caráter foram postos em dúvida. Mais uma vez, o orgulho é a causa da ira.

Ficamos com ira quando não conseguimos o que queremos. Isso é comum nas crianças, mas também acontece com os adultos. Muitas vezes, no casamento, o cônjuge de personalidade e gênio mais fortes quer dar “as cartas” o tempo todo, mesmo às custas da vontade ou do bom senso do outro. Quando esse cônjuge não consegue facilmente o que quer, sua tendência é ficar com ira. Situação parecida também pode ocorrer na igreja ou até mesmo em organizações cristãs. Muitas vezes, uma pessoa enérgica e mandona quer exercer controle e fica brava ao encontrar oposição. Em todos esses exemplos, o egoísmo é a causa da ira. “A coisa tem de ser feita do meu jeito.”

Entendo que os princípios bíblicos do casamento ensinados por Paulo e Pedro em Efésios 5.22,23 e 1 Pedro 3.1-7 devem reger situações assim, mas estou falando da ira que resulta da desobediência a esses princípios.

Ficamos com ira em reação à ira de alguém. O marido chega em casa esperando encontrar o jantar pronto. Se isso não acontece, ele fica nervoso, e sua ira se revela de forma explosiva num monte de palavras grosseiras. Embora não verbalize nada, a esposa também fica com ira, nutrindo ressentimento e fervilhando por dentro. A ira da esposa é tão pecado quanto a do marido. O homem leva uma tremenda bronca do chefe, possivelmente na frente dos colegas. Ele não pode revidar à altura, mas, igual à infeliz esposa, ele também é consumido pelo ressentimento. Essas situações hipotéticas não têm o objetivo de justificar as ações do marido, nem do chefe.

Sem dúvida, são erradas. No entanto, somos nós que decidimos como reagir às más atitudes dos outros para conosco. Considere as orientações de Pedro aos escravos que eram maltratados por donos cruéis e injustos nas igrejas do primeiro século.

De acordo com o pensamento dominante em nossos dias, a ira desses escravos seria justificada, mas Pedro admoestou:

Servos, sujeitai-vos com todo temor aos vossos senhores, não somente aos bons e gentis, mas também aos maus. Pois digno de louvor é o fato de alguém suportar tristezas, sofrendo injustamente, por causa da consciência para com Deus. Pois que mérito há em ter de suportar sofrimento se cometeis pecado e sois esbofeteados por isso? Mas se suportais sofrimento quando fazeis o bem, isso é digno de louvor diante de Deus (I Pe 2.18-20).

As orientações de Pedro aos escravos são uma aplicação específica de um princípio bíblico mais abrangente: nossa reação a qualquer tratamento injusto deve ter em vista a “consciência para com Deus”. Isso significa levar em conta a vontade e a glória de Deus. Como Deus espera que eu reaja nesta situação? Creio que esta situação difícil, ou este tratamento injusto, está sob o controle soberano de Deus e que, em sua infinita sabedoria e bondade, ele está usando as circunstâncias para me deixar mais parecido com Cristo? (Rm 8.28; Hb 12.4-11.)

Sou realista o bastante para saber que, no calor da emoção de uma situação estressante, não checamos uma lista de questões como as mencionadas no parágrafo acima. Todavia, podemos e devemos criar o hábito de pensar assim.

Muitas vezes a nossa reação imediata a uma atitude injusta é ficar louco da vida com a pessoa. E o meu caso, não nego. Mas, logo após o episódio, temos o poder de decidir se vamos acalantar a bronca ou refletir nas questões que apresentei, e permitir que o Espírito Santo dissipe nossa ira.

Sei que existem centenas de outras circunstâncias e atitudes de terceiros que nos tentam a ficar furiosos. No entanto, não podem nunca ser a causa de nossa ira.

O motivo está sempre em nossos corações, geralmente como resultado de nosso orgulho ou egoísmo.

É provável que haja exceções que provem a regra, mas, fora isso, é seguro dizer que todos nós nos enraivecemos de vez em quando. A questão é como lidamos com a situação. Algumas pessoas exteriorizam a ira com palavras agressivas, maldosas. Outras agem de maneiras mais sutis, fazendo comentários depreciativos ou sarcásticos sobre a pessoa que as enfureceu. Existem também aquelas que internalizam a ira em forma de ressentimento. Todas essas expressões de ira são pecado.

Como, então, lidar com a ira de um modo que honre a Deus?

Primeiro, temos de reconhecer e confessar nossa ira e o pecado que nela existe.

Não há como lidar com a ira sem admitir sua existência.

A seguir, temos de nos perguntar por que estamos com ira. É por orgulho, egoísmo ou algum ídolo que adulamos em nosso coração? Se esse for o caso, temos de nos arrepender não apenas da ira, mas também do orgulho, do egoísmo e da idolatria.

Após lidarmos de modo positivo com a expressão de nossa ira por meio do reconhecimento e do arrependimento, é necessário mudar nossa atitude em relação à pessoa ou às pessoas cujas palavras ou ações engatilharam nossa ira.

Palavras de Paulo nestes versículos devem nos orientar:

[...] sede bondosos e tende compaixão uns para com os outros, perdoados uns aos outros, assim como Deus vos perdoou em Cristo (Ef 4.32).

E mais:

[...] suportando e perdoados uns aos outros; se alguém tiver alguma queixa contra o outro, assim como o Senhor vos perdoou, também perdoai (Cl 3.13).

Se demos vazão à ira, também temos de buscar o perdão de quem magoamos.

Por último, precisamos entregar a Deus a situação que ocasionou a nossa ira. Isso é particularmente verdadeiro quando somos objetos da ira de outra pessoa, ou quando somos injustiçados por um chefe, um cônjuge arrogante, ou quando alguém nos maltrata. Para eliminar as emoções pecaminosas, temos de crer que Deus é soberano em todos os acontecimentos de nossa vida (tanto os “bons” quanto os “ruins”) e que todas as palavras e atitudes que nos enfurecem estão, de algum modo, incluídas em seus bons e sábios propósitos de nos tornar mais parecidos com Jesus.

Precisamos reconhecer que qualquer situação que nos tenta à ira pode levar-nos ou ao pecado, ou a Cristo e seu poder santificador.

No início deste tópico, reconheci que a ira é um assunto complexo e que fazer uma análise dela de maneira abrangente está acima do propósito deste estudo. Mas espero ter ajudado todos nós a entender que quase toda a ira que sentimos é pecado e, mesmo que a desculpemos e toleremos em nosso viver, não é aceitável diante de Deus.

Antes de encerrar o assunto, há mais um aspecto da ira que precisamos considerar.

Ira contra Deus

Já conheci muitos cristãos que estão com ira de Deus por algum motivo. Alguns acham que Deus os decepcionou; outros pensam que Deus está contra eles. Pessoas dizem: “Muitas vezes achei que Deus me deu um tapa na cara exatamente quando eu estava confiando nele.” Essas pessoas admitem abertamente estar com ira de Deus, pois concluem que Ele só podia estar com ira dela.

O que diremos às pessoas que estão sofrendo demais e acham que Deus as abandonou ou que até mesmo está contra elas? É pecado ficar com ira de Deus? A psicologia moderna diria que não. “Simplesmente despeje tudo em Deus”.

Li esta afirmação em algum lugar: “Pode ficar zangado com Deus.

Ele é grandinho. Ele aguenta firme.” A meu ver, isso é pura blasfêmia.

Quero afirmar em alto e bom som que nunca é correto ficar com ira de Deus. Ira é um julgamento moral, e, no caso de Deus, é acusá-lo de fazer algo errado. É acusá-lo de pecar contra nós por abandono ou de nos tratar injustamente. Geralmente também acontece porque achamos que Deus nos deve algo melhor do que temos recebido na vida. Assim, colocamos Deus no banco dos réus de nosso próprio tribunal. Certo homem ao ver a mãe morrendo de câncer, desabafou: “Depois de tudo o que minha mãe fez para Deus, esse é o agradecimento que ela recebe.”

Sem levar em consideração que Jesus sofreu agonia indescritível para redimir a mãe de seus pecados e poupá-la de passar a eternidade no inferno, o homem achava que Deus também lhe devia proporcionar vida melhor na terra.

Admito que os cristãos podem ter, e têm, momentos de ira contra Deus.

Eu mesmo já senti isso. No entanto, é necessário reconhecer de imediato que essas ocorrências são pecados dos quais devemos nos arrepender.

Como, então, podemos lidar com o impulso de ficar com ira de Deus? Temos de “engolir” as emoções e vivermos um tanto alienados de Deus? Não, essa solução não é bíblica. Primeiro, como eu disse antes (Ansiedade e frustração), a resposta firma-se na confiança total e absoluta no amor, na soberania e na sabedoria de Deus.

Segundo, devemos, em humildade e confiança, entregar a Deus nossa confusão e perplexidade. Podemos orar da seguinte maneira:

“Deus, eu sei que o senhor me ama, e também sei que muitas vezes as suas atitudes estão acima da minha compreensão. Reconheço que estou confuso porque não tenho evidências de seu amor por mim. Ajude-me, no poder do Espírito, a confiar no senhor e a não ceder à tentação de ficar com ira do Senhor”.

Lembre-se também de que nosso Deus é perdoador.

Até mesmo nossa ira contra ele, foi paga por Cristo com sua morte na cruz.

Se você abriga ira contra Deus em seu coração, convido-o que você se aproxime dEle em arrependimento, e experimente o poder purificador do sangue de Cristo derramado na cruz por você.

Acho que muitos cristãos vivem em estado de negação quanto à ira. Sabem que mergulham em pensamentos e sentimentos negativos em relação a alguém que os desagradou, porém não veem isso como ira, especialmente como ira pecaminosa. Enfatizam o erro da outra pessoa, mas justificam suas próprias ações. Não enxergam o próprio pecado. Como resultado, a ira é “aceitável” aos seus olhos. Não acham que têm de lidar com ela. Oro para que Deus se agrade em usar este tema para ajudar a todos nós a reconhecer nossa ira como pecado, seja ocasional ou frequente, e a lidar com ela de modo apropriado.